

Axós nos bastidores: uma análise da indumentária litúrgica afro-brasileira no Recife e região metropolitana

*Zuleica Dantas Pereira Campos**

Resumo

Este artigo analisa as estratégias de criação, confecção e utilização dos *axós* e adereços pelo povo de santo da Região Metropolitana do Recife. Parte-se da premissa de que as roupas e os adereços ritualísticos são, para essas religiões, elementos de importante valor simbólico, que vêm sofrendo transformações desde o seu estabelecimento na esfera pública. Pretendemos demonstrar que existe uma rede de relações econômicas formais e informais que ajuda a espetacularizar a religião e a inseri-la na esfera pública. Para o acesso às novas configurações do mercado religioso, é necessário expandir e enfrentar competitivamente as demais religiões. A sofisticação dos acessórios e indumentárias faz parte desse processo.

Palavras-chave- cultura; religiões afro-brasileiras; estética; esfera pública; mercado.

Axós in the backstage: an analysis of afro-brazilian liturgic clothes in Recife and região metropolitana

Abstract

This paper analyzes the strategy of creation, making and utilization of *axós* and jewelry by the saint people of Região Metropolitana do Recife. We begin with the premise that the ritualistic clothes and jewelry are of great symbolic value and have been suffering transformations since their establishment in public sphere. We intend to prove that there is a net of formal and informal economic relations that do help to spectacularize the religion and insert it in public sphere. To access the new configurations of religious markets it is necessary to expand themselves and confront other religions. The sophistication of accessories and jewelry is part of this process.

Key-words: culture; afro-brazilian religions; aesthetics; public sphere; market.

* Antropóloga; pós-doutorado em Ciências da Religião na UMESP; professora Adjunta 4 do Programa de pós-graduação em Ciências da Religião da Universidade Católica de Pernambuco. E-mail zuleica@unicap.br

Axós entre bastidores: un análisis de la indumentaria litúrgica afrobrasileña en Recife y área metropolitana

Resumen

Este artículo analiza las estrategias de creación, confección y utilización de los axós y aderezos por el pueblo de santo del Área Metropolitana de Recife. Se parte de la premisa de que las ropas y los aderezos ritualísticos son para estas religiones elementos de importante valor simbólico que vienen sufriendo transformaciones desde su establecimiento en la esfera pública. Pretendemos demostrar que existe una red de relaciones económicas formales e informales que ayudan a espetacularizar la religión e insertarla en la esfera pública. Para el acceso a las nuevas configuraciones del mercado religioso, son necesarias expandir y enfrentar competitivamente con las demás religiones. La sofisticación de los accesorios e indumentarias son parte de ese proceso.

Palabras clave: cultura; religiones afrobrasileñas; esfera pública; mercado.

Introdução

Nos últimos trinta anos, o movimento político que valoriza a negritude e seus símbolos culturais vem tomando espaço, desenvolvendo diversas formas de intervenção e de atuação junto ao espaço público. Entre esses marcadores de singularidades, as religiões afro-brasileiras desempenham um papel importante. No entanto, apesar de a relação entre religiões afro-brasileiras e a identidade negra não ser necessariamente obrigatória, essa vinculação vem sendo utilizada pelo Estado por meio das políticas de promoção da igualdade racial, favorecendo a inserção dessas religiões na cena pública.

Diante desse contexto, no presente artigo nos propomos especificamente a discutir os mecanismos de inserção no espaço público ocorrido nas religiões afro-brasileiras por meio do mercado de indumentárias litúrgicas, os *axós*, na cidade do Recife e Região Metropolitana (RMR). Dispomos a analisar suas interações com o contexto urbano e o consumidor, assim como as relações do fiel com esse mercado e o processo de produção, distribuição e aquisição dos produtos. Partimos da premissa de que as roupas e os adereços ritualísticos são para essas religiões elementos de importante valor simbólico, que vêm sofrendo transformações desde o estabelecimento dessas religiões na esfera pública.

O estabelecimento graduado das religiões afro-brasileiras no contexto urbano, a partir do século XX, permitiu maior visibilidade social a um número cada vez mais crescente de adeptos, que já não possuem correspondências com raça, etnia, grau de instrução ou classe social. Essa conquista se deu principalmente pelo espetáculo estético das cerimônias públicas, demonstradas nas roupas e nos adereços litúrgicos dos fiéis. Assim nos relata Souza:

A valorização da beleza é um dos fatores que contribuí para a inserção e reprodução do candomblé na metrópole moderna. Igualmente, muito de sua visibilidade, de seu alcance simbólico, evidenciado especialmente pelas artes, advém de sua estética plástica exuberante, que se manifesta sobremaneira na festa pública (2007, p. 31).

Os *axós*, ou seja, as roupas que os devotos utilizam nos rituais privados e festas públicas das religiões afro-brasileiras são uma das formas de expressão empregadas para agradar os orixás. É na ocasião das festas públicas dedicadas a um orixá específico que o *axó* torna-se peça importante do processo.

Muitos autores já discorreram sobre essas indumentárias litúrgicas. Silva (2008) afirma constituir-se em uma das imagens mais importantes do terreiro. Nos dias de festa pública, um dos momentos de grande expectativa é a “saída do santo”, para que todos possam apreciar a beleza da indumentária. Assim, as roupas utilizadas para representar o orixá é um fator de grande visibilidade na religião. Normalmente, nos dias de festas nos terreiros, as roupas litúrgicas que são usadas pelos filhos de santo durante o *xirê*,¹ e as usadas pelos orixás durante a sua apresentação pública, são bastante diversificadas.

Além de sua importância estética, as indumentárias representam grande valor simbólico para essas religiões, pois marcam a passagem ritualística dos orixás ao mundo dos humanos, onde os fiéis se aproximam de seus deuses e têm a oportunidade de construir sua imagem. Elas – as roupas e insígnias rituais – são, então, consideradas sagradas pelo povo de santo, e dada sua importância, segundo Silva (2008, p. 101), devem ser exclusivas dos trabalhos e eventos no terreiro.

É importante salientar que a diversidade dos *axós* varia de terreiro para terreiro, de festa pública para cada festa pública, constituindo-se, assim, em um universo estético bastante complexo e cheio de significados.

Em princípio, as roupas eram confeccionadas em materiais rústicos como o algodão cru. Com o passar do tempo, no cenário de urbanização e conquistas de adeptos, a produção das indumentárias tornou-se algo mais fino, dando início a um processo de industrialização, o que acarretou mudanças na sua concepção.

Desde a institucionalização do candomblé, as roupas rituais vêm sofrendo um crescente processo de estetização. As mudanças ligam-se, entre outros fatores, à inserção da cultura urbana nos terreiros e conseqüentemente ao consumo dos tecidos industrializados, ditados pela moda. Esse quadro provocou o abandono

¹ Ordem em que são tocadas, cantadas e dançadas as invocações aos orixás (CACCIATORE, 1988, p. 251).

dos tecidos mais rústicos (algodão cru, chita) e a incorporação progressiva, pelas filhas-de-santo, de tecidos como veludo, a seda, o duchese, o lamê, e o cetim. Esses tipos de tecido brilham e refletem a luz com mais facilidade. Durante as festas públicas eles contribuem para a criação do ambiente espetacular (SANTOS, 2005, p. 75).

Essa transformação e as oportunidades oferecidas pelo cenário urbano permitiram que as religiões afro-brasileiras se inserissem no mercado para atender às demandas de consumo dos fiéis. Com os avanços do mundo moderno, esse novo mercado também vem apresentando mudanças no que concerne às relações com a sociedade, o consumidor, o fornecimento e a revenda de bens.

As lojas, portanto, especializaram-se em oferecer diversas possibilidades de ornamentação pessoal para as festas públicas. A busca por novas peças, tecidos e estampas, é uma constante. Para fortalecer a sua dinâmica, atualmente as relações comerciais ocorrem também em nível internacional, especificamente com a África.

Mas, mesmo apresentando inovações no uso de tecidos, materiais e nos métodos de produção, no que diz respeito à estrutura das indumentárias, poucas coisas mudaram, pois, como afirma Souza (2007, p. 50), “essa é uma religião que logrou se reproduzir mantendo-se fiel às suas origens” e realizar alterações na forma “seria correr no risco de descaracterização”.

Hoje em dia, tem sido cada vez mais comum o uso de roupas rituais compradas prontas, e a aceitação desse novo método de produção alcançou uma mescla de gerações nos terreiros. Em Recife, de modo geral, alguns fatores ainda impedem que esse mercado interaja efetivamente com o seu público potencial e com o meio social.

Abrindo caminhos: o método

Para realizarmos a pesquisa, adotamos como estratégia técnico-metodológica o trabalho de campo que foi realizado no Mercado de São José, localizado no bairro de São José, centro do Recife, onde se encontram lojas de artigos especializados tanto dentro do mercado como no seu entorno. Lá, encontramos estilistas de lojas de tecidos nas proximidades; atelier/loja especializada em roupas e adereços afro-brasileiros.

Também buscamos realizar uma rápida enquête em quatro terreiros que fazem parte da Região Metropolitana do Recife. O terreiro de Xambá do Portão do Gelo, denominado de *Ilê Axé Oyá Megué*, onde aplicamos 10 questionários; o terreiro de Tata Raminho de Oxossi ou *Roça Jeje Osún Opará Oxosy Ybualama*, em que foram aplicados 24 questionários; o Barracão *Ilê*

Axé Ogunrinuwolá, 15 questionários; e, por fim, o Terreiro de Mãe Amara, o *Ilé Obá Aganjú Okoloyá* com 15 questionários. Os questionários foram aplicados em dias de festa pública nos terreiros já citados.

Cada um desses terreiros pertence – em termos das matrizes míticas africanas – a nações diferentes, cujo ritual e modelo estético utilizado em suas indumentárias diferenciam-se de um para outro. As visitas foram realizadas com o objetivo de observar os comportamentos dentro dessa religião, a estrutura e regimento de cada um desses terreiros, as características das indumentárias e o perfil do povo de santo – potenciais consumidores do mercado litúrgico afro-brasileiro do Recife.

Realizamos entrevistas semiestruturadas com uma costureira, dois donos de um atelier/loja de produtos afro-brasileiros e um pai de santo, que também confecciona indumentárias litúrgicas. Todas as entrevistas foram autorizadas para utilização na pesquisa.

O campo de pesquisa foi construído a partir do modelo de Boissevain (1987) conhecido como “apresentando a amigos de amigos: rede sociais, manipuladores e coalizões”. O autor defende que as relações interpessoais são estruturadas e influenciadas no modo, por meio dos quais indivíduos – vistos como empreendedores sociais – procuram manipulá-las para atingir metas e resolver problemas, e na organização e dinamismo das coalizões que constroem para atingir seus fins. Essa forma básica de comportamento – a rede social de amigos, parentes, colegas de trabalho, as visitas, as fofocas, vizinhança etc. – são processos de situações com os quais todos nós nos envolvemos e que constituem o material básico da vida social (BOISSEVAIN, 1987, p. 197-98).

O percurso dos axós

O Mercado de São José é um universo extremamente profícuo para quem vai à procura de artigos religiosos afro-brasileiros. Parte dos objetos litúrgicos presentes nessas religiões pode ser encontrada nos Box e lojas do entorno. A venda desses objetos, geralmente, é desempenhada por pessoas que têm algum grau de envolvimento com a religião e que conhecem os códigos e regras de produção desses objetos relativos à cor, formas, e materiais dedicados a cada orixá. Segundo os comerciantes, praticamente não existe produção de artigos litúrgicos nem de imagens no Recife, a maior parte da mercadoria é importada de Fortaleza, São Paulo, Salvador e Rio de Janeiro.

Durante o período de mapeamento do comércio de adereços e indumentárias das religiões afro-brasileiras em Recife, identificamos além dos quiosques dentro do Mercado de São José, três lojas situadas em seu entorno que comercializam adereços e insígnias para as cerimônias, e uma loja na rua da Palma, especializada no comércio de indumentárias.

O que chamou a atenção nessas quatro lojas foi a divulgação e o acesso a elas. Duas delas não possuem identificação na fachada; uma, além de não ter identificação, está junto à outra, localizada num espaço escondido pelas mercadorias expostas à venda que tomam conta dos arredores do mercado.

Em Recife, o mercado de indumentárias é recente e ainda se encontra em consolidação. Até o momento, existe apenas uma loja na cidade que fornece roupas prontas – o Ateliê Rainha das Águas – enquanto adereços litúrgicos podem ser encontrados em outras lojas no Mercado de São José e entorno. O Ateliê Rainha das Águas está localizado na rua da Palma, no bairro de São José, centro do Recife. Foi inaugurado, em 2008, por Marion Correia. Atualmente, está sob a administração dele e de seu companheiro Marcos Antônio, que também é pai-de-santo.

Figura 1: Ateliê Rainha das Águas



Fotos da autora

No início, funcionava apenas como ateliê, onde Marion costurava roupas para o povo de santo. Hoje, além do ateliê funciona uma loja onde são comercializados roupas e adereços, tanto nacionais quanto importados da “África”. As trocas comerciais se dão principalmente em Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, onde a presença de fornecedores africanos é maior. Segundo Marion, a partir do momento em que o acesso aos produtos africanos foi facilitado, o consumo de indumentárias ganhou novos materiais e estilos, assim como fez a industrialização.

Não até então essas coisas que vinham da África a gente não tinha um aceso! Tão.. como a gente tem agora. Livre! Dos africanos chegarem até o Brasil e poderem trazer, né?! Não tinha. Era mais tecidos daqui mesmo (PONTES FILHO [Entrevista... 07/07/2015]).

Hoje, eles detêm boa parte da clientela do povo de santo da região. As pessoas que procuram o ateliê são, em sua maioria, aquelas que vislumbram seus produtos nas cerimônias dos terreiros. Tanto no Barracão *Ilé Axé Ogunrinuwohá*, como no Terreiro de Raminho e no *Ilé Obá Aganjú Okoloyá* encontramos consumidores das indumentárias confeccionadas e vendidas pela dupla.

Ambos, na verdade, fazem uma redescrição de roupas compradas em outros centros, como Fortaleza, Rio de Janeiro e Salvador. Muitos tecidos e roupas semiprontas também são comprados de certos africanos, cuja procedência não foi revelada.

Para o povo de santo, os “tecidos africanos”² são melhores, pois lhes dão exclusividade. Como, segundo os nossos estilistas entrevistados, tem-se um acesso livre às coisas da África, já que os africanos as comercializam nos grandes centros brasileiros, adquire-se o melhor, o exclusivo e o mais caro.

Porém, quem não pode ter acesso aos tecidos africanos, confeccionados em *laisé*, uma espécie de cambraia, e o tecido de algodão estampado (ambos exclusivos), utiliza o *richelien*, fabricado, segundo eles, em Fortaleza e no Rio de Janeiro. Também são usados tecidos como o cetim e o tafetá. Mas esses, para os nossos estilistas, não têm tanto valor para o povo de santo quanto os *axós* feitos com os tecidos africanos.

Como resultado de nossa enquête, descobrimos que 50% das pessoas entrevistadas compram e usam roupas prontas.

Antes, as roupas mais valorizadas para paramentar o orixá eram aquelas confeccionadas à mão. Notamos, em Recife, que essa valorização ainda permanece entre boa parte do povo de santo. Entretanto, o número de fiéis hoje que aderem aos *axós* industriais é grande, e está perto de ultrapassar a cultura tradicional. Boa parte dessa aceitação do público, segundo Souza (2007, p. 55), está ligada à sua produção em escala e ao seu baixo custo.

Os devotos do terreiro de Xambá mantêm a tradição de uma indumentária simples, conforme a preservada durante todo o século XX. Temos então um único terreiro que teima em manter certa simplicidade ou se distinguir dos outros por optar em não utilizar o espetáculo visual, com a sofisticação das indumentárias, para preservar sua identidade. Levando em consideração que todos os frequentadores do terreiro ainda recorrem à produção manual de seus trajes – visto que a casa possui como parte do seu regimento um

² Pela qualidade e tipo dos tecidos, muito provavelmente têm sua origem na China.

modelo padrão que impede o contato com o mercado – seus fiéis recorrem às tradicionais costureiras.

Figura 2 – Filhas de santo no terreiro de Xambá



Fotos da autora

Em toda a Região Metropolitana do Recife, fora da comunidade religiosa, os fiéis têm dificuldade de encontrar costureiras dispostas a confeccionar as vestes litúrgicas. O preconceito ainda está presente, principalmente entre os evangélicos.

Nas pesquisas, ao serem questionados sobre consumo *on-line*, das 64 pessoas apenas seis declararam já ter comprado roupas de santo em alguma plataforma na internet. Além do caso do terreiro de Xambá, em que os adeptos seguem os moldes exigidos, outros motivos para a baixa aceitação da compra *on-line* são a segurança de obter o produto e a certificação da qualidade do mesmo.

Outra explicação diz respeito à confiança na proveniência da roupa. Por ser um bem com grande valor simbólico, para eles é importante que essas roupas possuam *axé* desde a sua confecção, ou que, pelo menos, sejam comercializadas por pessoas do santo.

Assim, a venda de roupas e adereços do candomblé, na internet, não está estabelecida nessa região. Até o momento, não existem plataformas exclusivas para vendas *on-line* por vendedores de Recife, apenas medições pelas redes sociais, como no caso do Ateliê Rainha das Águas. Ainda assim, nota-se uma dificuldade em administrar essas redes por parte dos comerciantes.

Em entrevista concedida, Marcos declara que embora o ateliê possua um perfil no *Facebook*, eles não conseguem gerenciá-lo de forma a manter um contato com clientes por esse meio, nem conquistar um número considerável de novos. As publicações são esporádicas e as interações quase inexistentes. Mesmo nas relações comerciais, o diálogo entre consumidor e vendedor permanece pessoalmente.

Confeccionar um *axó* exige criatividade. Às vezes, os modelos são trazidos rabiscados; em outras ocasiões, vestes litúrgicas são trazidas para copiar o modelo e acrescentar um detalhe aqui e outro ali. Para Reginaldo Prandi (2000), as indumentárias e seus acessórios são produzidos de acordo com a moda. No Rio de Janeiro e São Paulo, os profissionais que ditam a moda no Candomblé são, em geral, os mesmos produtores estéticos das escolas de samba. O desfile de carnaval antecipa as preferências em desenho e material que vestirão e adornarão os orixás em transe nos barracões de candomblé naquele ano. Na Região Metropolitana do Recife, apesar de alguns terreiros utilizarem uma indumentária bastante luxuosa, não chegaram a esse nível de sofisticação.

Durante muito tempo, os modelos dos *axós* eram controlados pelos pais-de-santo nos terreiros e, como o terreiro de Xambá, ainda existem casas que decretam um molde a ser seguido pelos fiéis. Assim, como relata Souza (2008, p. 65), “ninguém se veste por conta própria, essa decisão é muito fortemente controlada pelos pais e mães de santo que para tanto, levam em conta também a imagem que querem apresentar de seu terreiro”.

Porém, de acordo com as pesquisas, percebe-se que os terreiros do Recife e RMR são mais abertos e dão mais liberdade aos seus filhos de santo para definirem os modelos de seus *axós*, com a exceção do terreiro já mencionado. Ao serem questionados sobre quem os define, 32 entrevistados (50%) afirmaram ser eles que escolhem a roupa que pretendem vestir nas cerimônias, e apenas 14 (21,9%) indicaram os seus pais ou irmãos de santo. Os demais relataram ser a costureira (9,4%) ou o seu orixá (18,7%).

Esse é um resultado que favorece a venda de indumentárias litúrgicas para o povo de santo na região. Com menos barreiras e rigor, o mercado encontra ambiente oportuno para se expandir e maior facilidade em conquistar o consumidor.

A roupa também é motivo de disputas, concorrências e fofocas. Em dias de festas, muitos ficam à espera da saída dos “santos” para decidirem qual dos devotos melhor se vestiram para os orixás. O fuxico ou a fofoca é uma das práticas mais usuais dentro da religião. Fuxico está ligado a comentários, alguns positivos outros maledicentes. Em toda festa de santo se fuxica, e se fuxica muito.

Assim, as roupas utilizadas para representar o orixá é um fator de grande visibilidade na religião. Normalmente, nos dias de festas, nos terreiros, as roupas litúrgicas que são usadas pelos filhos de santo durante o *xiré*, e as usadas pelos orixás durante a sua apresentação pública são bastante diversificadas, variando de terreiro a terreiro.

A maior parte dos nossos informantes, filhos de santo, falou da importância de se ter um *axó* para cada festa pública. Uma vez que cada uma dessas festas é dedicada a um orixá, faz parte da etiqueta que se compareça ao “toque” com a roupa na cor do orixá a ser reverenciado.

Como observa Souza (2007, p. 68): “todos querem ser bonitos e todos querem estar um mais bonito que o outro. Para si, para o grupo, para o pai e a mãe de santo e, sobretudo, para o orixá”.

As pessoas caminham muito, procuram bastante até encontrar tecidos que sejam originais, que tenham belas estampas, bom caimento, grande parte das vezes a despeito de qualquer conforto, porque afinal ficar bonito, ficar odara, é o que interessa. Em nome da vaidade, não é incomum usar, em pleno verão escaldante, roupas de veludo, saias de muitas camadas, capacetes e coroas pesadas (SOUZA, 2007, p. 65).

Durante a pesquisa nos terreiros do Recife e região metropolitana, quando questionados sobre a importância da opinião dos demais sobre suas vestimentas, apenas 12 pessoas (18,75%) declararam abertamente se importar com as opiniões de terceiros, e em obter destaque através dos seus *axós*. São esses que investem mais em brilhos, novos tecidos e se preocupam mais com a exclusividade de suas roupas. Os outros (81,25%) afirmaram apenas ter o desejo de agradar ao seu orixá e a si mesmos, prezando pelo conforto.

Qualquer esforço é válido quando se trata de vestir bem seu orixá. Muitos investem em *axós* luxuosos, mesmo quando as condições financeiras são difíceis; outros têm coleções em seus guarda-roupas pelo cuidado de não repetir com frequência suas roupas dos toques, para não correr o risco de ser comentado ou não agradar ao seu orixá, e existem também aqueles que se negam ao luxo.

Enfim, enquanto uns prezam pela exuberância, outros ainda permanecem na simplicidade. Durante as visitas aos terreiros de Recife e RMR, indagamos os fiéis para saber qual a opinião deles em relação ao uso variado de roupas para cada toque: 36 pessoas (56,3%) responderam que não veem necessidade em usar um novo axó em cada festa no terreiro; já 27 pessoas (42,2%) consideraram importante paramentar-se com novas roupas; e apenas uma respondeu que a escolha vai depender das festas. Ainda, 41 desses fiéis confessaram possuir em casa mais de dez modelos de axós.

Como observamos, quatro terreiros de tradições diferentes, encontramos basicamente quatro formas de se relacionar com a indumentária litúrgica.

No terreiro de Tata Raminho de Oxossi, além dos filhos de santo confeccionarem suas indumentárias litúrgicas com os costureiros do próprio terreiro, também compram algumas prontas, e muitos também costumam a sua própria indumentária. Nesse terreiro de tradição Jeje, encontram-se os mais luxuosos e dispendiosos trajes.

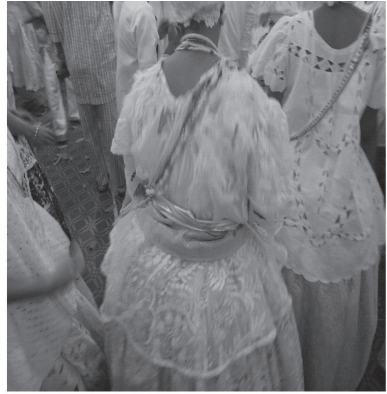
Figura 3 – Saídas de Ialô – Terreiro de Tata Raminho de Oxossi



Fotos da autora

Esse padrão também vai ser encontrado no *Ilé Axé Ogunrinuwolá*, de tradição Keto, porém com menor intensidade. Não encontramos, nesse terreiro, costureiros exclusivos. Muitos fiéis, quando não costumam o seu próprio *axó*, encomendam de uma costureira não especializada da comunidade ou compram no Atelier Rainha das Águas. A maioria dos filhos de santo aponta o atelier de Marquinhos e Marion como o principal local para a aquisição de suas indumentárias.

Figura 4 – Axós no terreiro Ilé Axé Ogunrinuwolá



Fotos da autora

No *Ilé Obá Aganjú Okoloyá*, cujo ritual e práticas são de tradição Nagô, os *axós* utilizados em dias de toque são um pouco menos luxuosos que no terreiro de Raminho e no Barracão *Ilé Axé Ogunrinuwolá*, porém nem de longe mantêm a simplicidade preservada no terreiro de Xambá.

Nesse terreiro, encontra-se uma peculiaridade. Em determinadas festas, a atual *yakekerê* (mãe pequena) encomenda os *axós*, tanto das filhas quanto dos filhos de santo, padronizando assim a indumentária ritual. Foi o que aconteceu no dia da festa do *Amalá*³ de Xangô, festa comemorativa dos 70 anos de idade da mãe de santo do terreiro. Nessa festa, que durou todo o dia, suas filhas de santo estavam todas vestidas de saia vermelha, cuja padronagem era similar ao detalhe do piso do salão de toques. Todas também estavam de blusas brancas. Já os filhos de santo usavam calças brancas e camisas vermelhas com a mesma padronagem.

Considerações finais

Apesar de terem a “tradição” como referência, que constitui um dos cernes da identidade étnica do negro brasileiro e essa herança deva ser protegida, tanto pelo seu papel na formação da identidade nacional quanto pela sua diferença em relação à cosmovisão dominante, eles se modernizaram.

À exceção do Terreiro de Xambá, que optou por conservar a indumentária litúrgica utilizada no século XX, os outros terreiros estudados sofisticaram suas vestimentas rituais.

³ Amalá é a comida votiva do Orixá Xangô. A mãe de santo do terreiro é filha desse orixá.

Figura 5 – Piso do salão de toques no terreiro Ilê Obá Aganjú Okoloyá

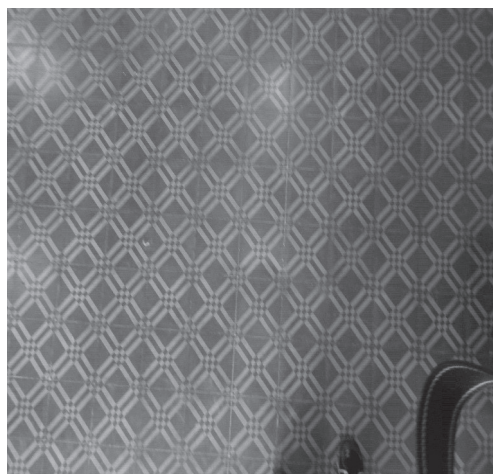
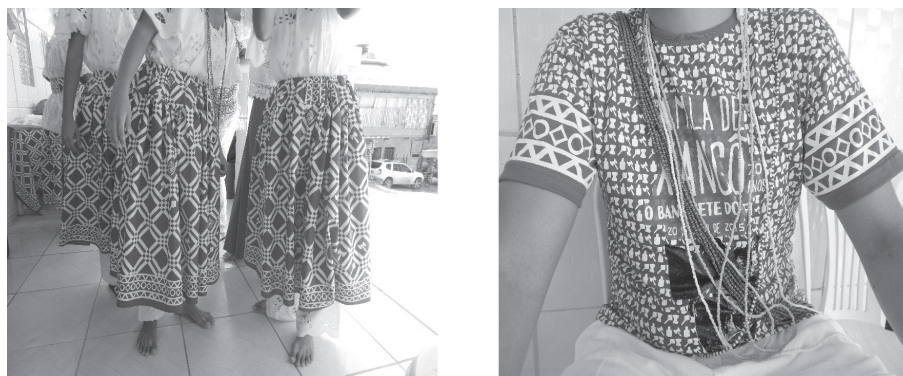


Foto da autora

Figura 6 – Axós cuja padronagem é similar ao piso do salão de toques



Fotos da autora

O estabelecimento das religiões afro-brasileiras no contexto urbano permitiu ampla visibilidade social e um número cada vez maior de frequentadores. Esse resultado se deu, principalmente, pelo espetáculo estético das festas públicas por meio das cores, formas e brilhos das roupas e acessórios dos fiéis. A produção de adereços e indumentárias foi crescendo, dando início a um processo de abertura e expansão do mercado litúrgico afro-brasileiro, o que vem acarretando mudanças tanto em sua concepção quanto nas relações entre o artesão/comerciante e o consumidor, e entre este com o produto.

A industrialização da produção e o acesso mais livre às mercadorias africanas possibilitaram a comercialização de indumentárias no Brasil. Hoje, Recife é abastecida basicamente por produtos encontrados no Rio de Janeiro, em São Paulo, Fortaleza e Salvador, a maioria deles, trazidos por africanos. O mercado de indumentárias litúrgicas afro-brasileiras aqui é recente, numa faixa de sete anos, desde a inauguração do Ateliê Rainha das Águas.

Atualmente, tentativas de virtualizá-lo vêm acontecendo, embora ainda com dificuldades, devido ao conhecimento limitado dos comerciantes na administração das redes digitais. Mesmo reconhecendo a importância de se inserirem na internet para a expansão dos seus negócios e alcance maior de consumidores, por não terem habilidades em comunicação *on-line*, o mercado litúrgico afro-brasileiro permanece oculto em relação a outros.

Também identificamos que a comercialização de axós limita-se a uma loja no centro da cidade, enquanto adereços podem ser encontrados em um número maior de vendas localizadas no Mercado de São José e entorno. Quanto aos valores, o custo médio dos axós, nessa loja, compreende entre 250 reais a dois mil reais.

O desejo por peças exclusivas foi observado como uma característica comum entre esses consumidores que, por muito tempo, puderam usar a criatividade e escolher os tecidos e detalhes que comporiam suas roupas rituais. Ser o mais bem vestido sempre foi a preocupação da maioria, no entanto, com a industrialização e consequente produção em escala, a exclusividade tornou-se cada vez mais difícil de garantir.

Como exemplo, Marion explica o caso do *richelien*:⁴ “a maioria das pessoas de axé quer roupas exclusivas. Muitas vezes não dá, eu falo sempre que na parte do *richelien* não dá, porque não é feito vários bordados diferentes”. Essa dificuldade de encontrar exclusividade nas peças prontas justifica, em boa parte, o número de pessoas que ainda recorrem à produção artesanal, o que, por outro lado, não tem impedido o desenvolvimento desse tipo de comércio na cidade.

Percebemos, igualmente, entre os quatro terreiros visitados, que ainda existe uma resistência por parte dos fiéis da tradição xambá em aderir à compra de roupas prontas, visto que a casa possui em seu regimento um modelo predeterminado que dificulta as relações com o mercado; no entanto, nas demais casas, a aceitação dos fiéis é nítida e crescente.

Defende-se, portanto, que Recife é uma cidade em potencial para a expansão de novas lojas de indumentárias, pois a procura por roupas industriais tem crescido gradativamente, devido à aceitação, tanto da atual geração do povo de santo, quanto da mais antiga. Muitas casas têm dado liberdade aos seus filhos

⁴ Bordado muito valorizado pelo povo de santo.

de santo para escolherem o modelo de seus axós, permitindo a aproximação deles com o mercado litúrgico. O valor simbólico se mantém, o que muda apenas são os métodos de produção e aquisição, que se tornaram mais baratos.

Ainda reforçamos a falta, em Recife, de mais visibilidade para esse mercado poder continuar em expansão, e essa visibilidade deve ser tratada, inicialmente, com um trabalho maior de divulgação na sociedade. Atitude que também auxiliará no reconhecimento social das religiões afro-brasileiras na região.

Acreditamos que as transformações estéticas que passam as religiões afro-brasileiras, na Região Metropolitana do Recife, surgem na intenção de reconverter um patrimônio para reintegrá-lo em novas condições de produção e mercado. Portanto, a produção estética dessas religiões aqui analisadas, por meio de suas indumentárias, fala-nos de novas inserções que ajudam a espetacularizar a religião e a inseri-la cada vez mais na esfera pública.

Analisando empiricamente essas transformações, sob a ótica de Canclini (1996), podemos verificar que estão articuladas as estratégias de reconversão, e que a hibridação interessa a todos os setores que querem apropriar-se dos benefícios da modernidade. Os grupos subalternos podem recorrer a técnicas ou procedimentos políticos tradicionais incorporando – de um modo híbrido ou atípico – o moderno como estratégia de sobrevivência (CANCLINI, 1996, p. 3).

Com isso, pretendemos demonstrar que existe toda uma rede de relações econômicas formais e informais do Mercado de São José e seu entorno, aos terreiros. Para o acesso às novas configurações, no mercado religioso, é necessário expandir e enfrentar, de modo competitivo, as demais religiões. A sofisticação dos acessórios e indumentárias faz parte desse processo.

Mudanças internas na estética dessas religiões não significam necessariamente perigo para a sua sobrevivência. Ao contrário, quem não muda não sobrevive. Interesses vários podem então ser exercitados com maior liberdade numa competição interna, cujo sucesso se mede pela maior inserção na esfera pública.

Referências

BOISSEVAIN, Jeremy. Apresentando “Amigo de Amigos: redes sociais, manipuladores e coalizões”. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos*. São Paulo: Global Universitária, 1987, p. 195-223.

CACCIATORE, Olga Gudolle. *Dicionário de cultos afro-brasileiros*, 3. ed. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1988.

CANCLINI, Nestor García. *Culturas híbridas y estrategias comunicacionales*. Seminário Fronteiras Culturales; *Identidade y Comunicación em America Latina*. Universidad de Stirling, outubro de 1996.

LIMA, M. É. de Oliveira; TRASFERETTI, J. O cenário religioso de bens simbólicos: da produção ao consumo. *Rastros*, Santa Catarina, n. 8, p. 38-51, 2007.

PRANDI, Reginaldo. Hipertrofia ritual das religiões afro-brasileiras. **Novos estudos CE-BRAP**, n. 56, mar. 2000.

Disponível em: < <http://www.novosestudios.com.br/v1/contents/view/902>>. Acesso em: 7 mai 2013.

_____. O Brasil com axé: candomblé e umbanda no mercado religioso. *Estudos avançados*, São Paulo, vol. 18, p. 223-236, 2004.

SANTOS, E. C. M. Religião e Espetáculo: Análise da dimensão espetacular das festas públicas do candomblé, 2005, 229s. Tese (mestrado em antropologia social) – Departamento de Antropologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SANTOS, Jocélio Teles. Cores e sentidos do Candomblé no espaço público. *Debates do NER*, Porto Alegre, n. 22, p. 207-210, 2012.

SILVA, Vagner Gonçalves da. Arte religiosa afro-brasileira: as múltiplas estéticas da devoção brasileira. *Debates do NER*. Porto Alegre, Ano 9, n. 13, p. 97-113, jan./jun. 2008.

Disponível em: < [http://www.fflch.usp.br/da/vagner/arteafro.pdf](http://www.fflch.usp.br/da/vagner/arteaфро.pdf)> Acesso em: 7 mai 2013.

_____. *Orixás da Metrópole*. Petrópolis: Vozes, 1995.

SOUZA, Patrícia R. de. *Axós e Ilequês: Rito, mito e a estética do candomblé*, 2007, 183s. Tese (mestrado em sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

Depoimentos Oraís

PONTES FILHO, Marion Correia de. Entrevista, por Zuleica Dantas Pereira Campos, em 7 jul. 2015.

Submetido em: 14-11-2015

Aceito em: 8-12-2015